

11 TESES PARA A UNIVERSIDADE INDÍGENA



CURAR

O furo por onde passa o fluxo.
Traço escrito. Linha e linhagem.
O traço como um feixe, mil fios
por onde passam energias.
Uma coisa física, material. Tão
concreta que forma um sujeito –
o do sonho, visível no mais
distante. Visão da estrela
cadente.

NEUTRALIZAR

Há um saber perfeitamente articulado, pelo qual, falando propriamente, nenhum sujeito é responsável¹. O inconsciente. Nem individual, nem coletivo. O mundo: pode-se dizer com os indígenas. Desde que passa a existir, é marca corporal no terceiro, e acaba desaparecendo.
Tudo está bem articulado em diversas histórias.
Perder o sujeito é a que se dedica um ensino que é potência.



CONVIVER

Coreografia. A dança, a música, a poesia não se cansam de mostrar as possibilidades de convivência. Artes do humano: nós, humanos, as seguimos em suas linguagens, que demandam nossos sentidos. Mas nem só os ditos humanos são pessoas, cada espécie tem suas artes.

E há os que não classificam as espécies do mesmo modo que os cientistas.

Os mitos estão à disposição para ensinar outras biológicas, matemáticas e medicinas.

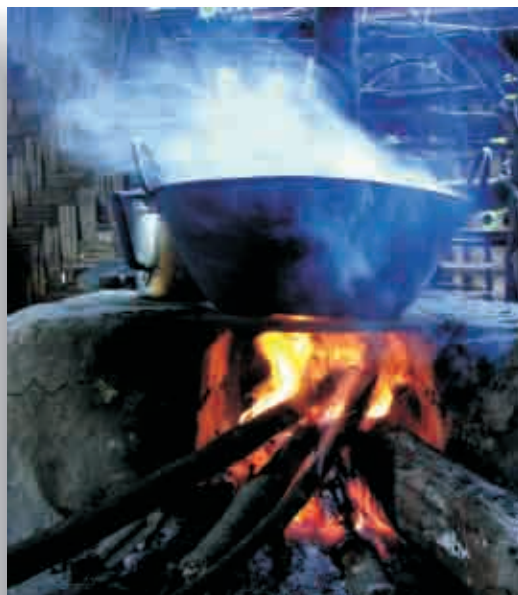
TRANSFORMAR

Além do princípio do prazer tem a metamorfose. A troca verdadeira – ensina a indígena Llansol. Da cópia ao canto é o exercício da cura na alegria: copiar, copiar, até se tornar apto ao erro.

Nem a mentalidade crítica do universitário nem o discurso do mestre são responsáveis pela sabedoria.

A universidade indígena tem como suporte – e isto talvez impossibilite sua realidade – um saber disjuncto que não exclui, no entanto, a dinâmica da verdade.

As substâncias psicoativas e as técnicas xamanísticas são seus componentes metodológicos, assim como os livros.



SOLTAR / APRENDER

A felicidade tem a ver com a maturidade sexual, que aponta para o terceiro. Por isso a metáfora da fruta madura, em sua plenitude, com suas sementes, diz de quando o prazer cede ao desprazer.

O dom, fundamento do sacrifício.

O terceiro sexo, o da paisagem, com o qual a cópia ensina o caminho.

A tradição é um furo e não um saber. Por isso ela se confunde com a tradução.

Os cantos e as histórias fazem parte desse vórtice que reúne os tempos, e, se algo retorna, é o desconhecido.

Um sujeito é um traço aparente no devir.

LER E OUVIR

A escrita é sempre a escrita de uma fala². Não a voz do passado, mas a do futuro. O ouvido é a cavidade receptiva por excelência. E o sopro é a vida que segue. Para ler é preciso captar sinais de outros lugares. Um texto se faz quando um lugar é habitado pelo leitor.





LER E DIZER

A fala da escrita nasceu com o ah! de admiração do primeiro leitor, ensina o sábio huni kuin Agostinho Manduca. A fala ligada à escrita não é a do discurso, é a miragem que o desenho transforma em canto. Esse princípio de não contradição formal coloca no mesmo fluxo tradutório a oralidade e a escrita. São ondas autônomas e dependentes levando ao infinito.

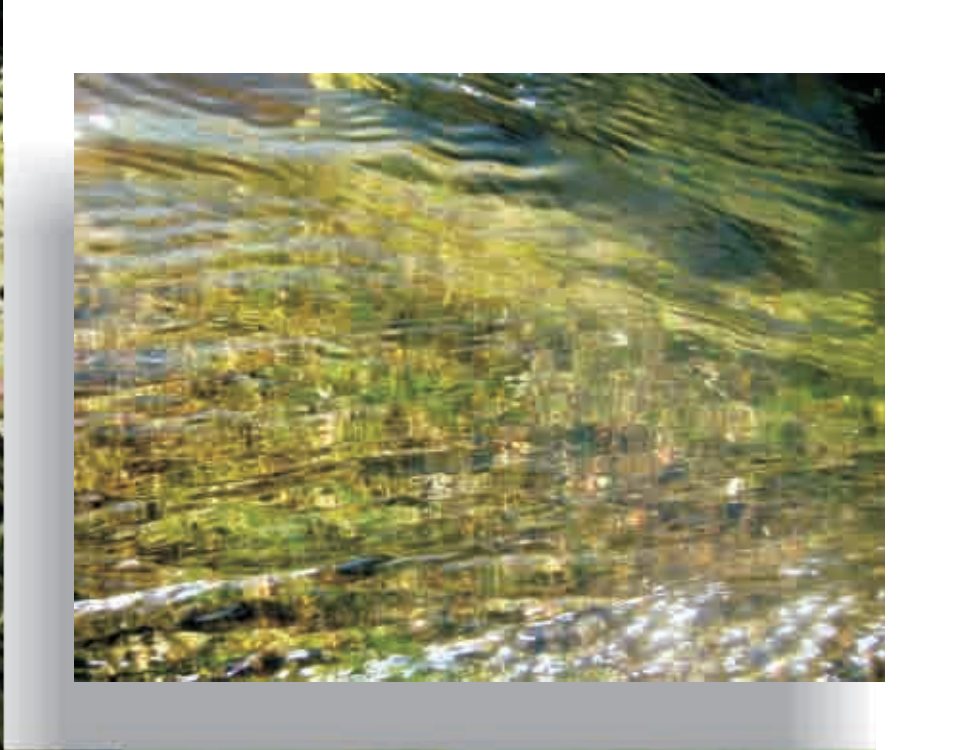
ENCONTRAR

O lugar que a gente vive. Formado justamente quando se ouve os cantos de cada desenho.

Um povo se forma com sua literatura, a terra onde cada corpo se dissolve.

Na floresta tropical a morte não é uma velha seca e medieval com uma foice na mão, vestida de negro. Simplesmente porque o corpo não é cindido, não se corta a cabeça. A pessoa se transforma, mas inteira e fluida.

O ensinamento das águas.





VAZAR

A pessoa é feita no sonho. O ponto de abandono em que o sujeito se perde, resvala, desvia. Talvez por isso sejamos todos acompanhados de invisíveis existentes. As forças e os fantasmas, o yuxin. Todas as culturas os compreendem e nomeiam. O mesmo sonho pode mostrar a perda da colheita e a chegada de um neto. Cada caminho pode ser lindo em sua natureza: lição que os mais velhos tiram dos trabalhos e dos dias.

CURAR

O caminho mais demorado. Com muitos mistérios gozosos, porque o saber é para depois.
O aprendizado curtido, enxugado, que nem sempre tem a ver com a consciência.

Na escola dos índios, a multiplicidade dos espíritos ensina que ciência e tecnologia não encerram a sabedoria.

Mas também não são exclusivas da modernidade ocidental.





ALEGRAR

A dança e todos seus componentes depurados formam a humilde biblioteca do palhacinho: as pinturas no corpo, os chapéus, os instrumentos de música, a roupa enfeitada. O canto conduz a leitura, e o amor nasce da alegria, a que alguns chamam também de conhecimento. Mas é muito difícil imaginar o que vem depois da encruzilhada.



Maria Inês de Almeida
Coordenadora do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras
Diretora do Centro Cultural UFMG